

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 48

DOMINGO - 9 de Maio de 1954

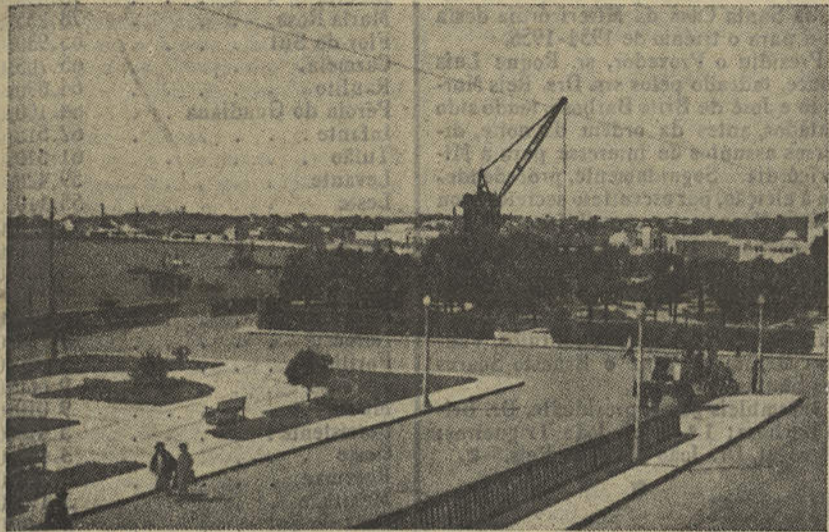
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 56

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA



Portimão — Vista Parcial

O PROBLEMA DO ENSINO MÉDIO NA NOSSA PROVÍNCIA

UMA CARTA

A PROPÓSITO do grave problema do ensino secundário no Algarve, que tão larga repercussão tem tido, não só na imprensa regional, como nos grandes diários do país, recebemos do sr. Dr. Alberto Pimentel uma carta em que, aplaudindo a justa pretensão de Vila Real de Santo António a uma Escola Técnica, trás a lume uma antiga aspiração dos portimonenses; a elevação do seu liceu à categoria de nacional. Ao publicar, com o maior prazer, a carta do nosso distinto e amável colaborador, manifestamos-lhe perfeita solidariedade com as razões expostas, razões, aliás, que tivemos ensejo de conhecer de perto, em largos anos de grato convívio na encantadora e progressiva cidade do Barlavento.

Sr. Director

Tenho seguido com muito interesse e simpatia a campanha que o jornal «Noticias do Algarve» vem a desenvolver a favor da criação duma Escola Técnica em Vila Real de Santo António.

E' evidente que uma terra com tão importantes características industriais e comerciais tem todo o direito em ver acarinhado e atendido, pelas instâncias superiores, o desejo de ministrar educação técnica à sua população escolar.

Tem o vosso jornal desenvolvido brilhantemente várias razões justificativas dessa pretensão tão legítima.

Contudo, há um ponto dessa argumentação que desejaria esclarecer, pois julgo não corresponder perfeitamente à realidade actual.

Este esclarecimento diz respeito apenas a uma questão de pormenor e não contradiz, como não podia deixar de ser, a imediata necessidade de uma Escola Técnica em Vila Real de Santo António.

Refiro-me à comparação que tem sido feita entre a situação do ensino secundário oficial no Sotavento do Algarve e a mesma situação no Barlavento.

Oficiais Algarvios Louvados

Em Ordem de Serviço do Cofre de Previdência dos Oficiais do Exército Metropolitano, de 12 do corrente, foram louvados nos mais expressivos termos, por serviços ali prestados, respectivamente, como adjunto da Secretaria do mesmo Cofre e Delegado do seu Conselho de Administração na Comissão Administrativa das Casas de Renda Económica para o Exército, os srs. majores Luís Filipe de Albuquerque Rebelo e Mateus Martins Moreno Júnior, nossos dedicados comprouvianos.

A ligação de luz

NO BAIRRO DOS POBRES

Pedem-nos alguns habitantes do Bairro Social, junto ao Lazareto, que relembramos, mais uma vez, aos serviços respectivos da Câmara Municipal, a urgência de se efectuar a prometida ligação daquele bairro à rede geral, pois vai para dois anos que o mesmo se inaugurou, continuando os seus moradores privados de energia eléctrica.

DR. ÁLVARO REIS GOMES

DEU-NOS o prazer de visitar a nossa terra, o sr. Dr. Álvaro Reis Gomes chefe da Repartição da Direcção Geral do Ensino Técnico e ilustre director do nosso prezado colega «Diário da Madeira», do Funchal. Recebido pelos srs. Dr. Alonso Vasques e Matias Sanches, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal e outras individualidades, visitou alguns dos nossos estabelecimentos fabris, as instalações portuárias e a igreja matriz, onde apreciou os vitrais de Joaquim Rebocho. Visitou ainda a Praia de Monte Gordo e o vizinho concelho de Castro Marim, e ouviu sobre o problema conserveiro os nossos amigos srs. João Folque e Brito e o comendador Mário Parodi, activos industriais da nossa terra.

O sr. Dr. Gomes, que veio acompanhado do jornalista sr. José Barão, nosso prezado amigo e distinto colaborador, manifestou, à partida, a boa impressão que lhe deixava a visita ao burgo pombalino, e exteriorizou a sua simpatia pelo Algarve, ao qual se sente ligado por antigos laços de sangue.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CELESTINO ALVES

Com a assistência do sr. Eng. Mascarenhas Gaivão, ilustre Governador Civil do Algarve, inaugurou-se, ontem, pelas 17 horas, na sala nobre da Câmara Municipal de Faro, a anunciada exposição de pintura de mestre Celestino Alves, a qual, por motivo de doença do artista, tinha sido adiada.

Esta exposição, acolhida com o maior interesse, constituiu um verdadeiro acontecimento na vida artística não só de Faro, como de grande parte da provincia, pelo que, oportunamente, voltaremos a fazer-lhe mais desenvolvida referência.

INTERESSES DO ALGARVE

A CRISE TURÍSTICA

POR MARCOS ALGARVE

EXISTEM, no Algarve, três crises latentes. A crise comercial, a crise industrial e a crise turística. Da primeira, já me ocupei no artigo antecedente. Da segunda, farei breves reflexões, e da terceira, falarei no presente artigo.

As reflexões sobre a crise industrial, como disse, serão ligeiras e na generalidade. Um homem industrial, com independência e competência, que lhe faça uma análise demorada, um exame rigoroso das suas causas e efeitos.

Houve, em tempos, no Algarve, uma indústria florescente e importante: a indústria corticeira. Em Silves, a velha cidade mourisca, criaram-se fábricas dum valor incalculável, especialmente devido ao seu inolvidável iniciador — Salvador Gomes Vilarinho.

A EMISSORA NACIONAL

dedica um programa à nossa Vila

O emissor oficial anunciou para amanhã, dia 10, às 9,50 horas, a irradiação dum programa especial dedicado a Vila Real de Santo António, integrado na emissão matinal daquela estação e subordinado à rubrica «Terras da nossa Terra», com a colaboração de rádiouvintes locais.

Depois do seu falecimento, os que lhe herdaram o nome e a fortuna foram para Lisboa e por lá se finaram, em cómodas poltronas e em noites de orgia. Nesta particularidade vegetativa, imitaram os grandes lavradores do Alentejo que fizeram o mesmo.

Mais tarde, outra camada de

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

“CHÁVENAS DE CAFÉ

QUASE AMARGO”

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

FILOSOFIA

HÁ filósofos e fobósfos, os que tudo aproveitam para remexer ideias, para fazer perguntas, para excogitar soluções, e os que de si afastam tudo que os possa conduzir ao uso da inteligência.

O filósofo põe o pensamento a dialogar constantemente consigo. Conversar com as ideias é o supremo dos seus prazeres. Nessa conversa, não dá pelo tempo que passa — ou sente que os dias voam. Embriaga-se do prazer de «jogar à sa pensão», e quanto mais bebe, mais lhe apetece beber. Olhar para dentro do próprio cérebro, sentar-se dentro de si mesmo, — eis a delícia das delícias.

O fobósfos sente que o pensamento o esmaga, e isso o leva a desintertorizar-se, a exhibir-se, a fugir de si, a movimentar-se, a diluir-se na multidão, a praticar actividades que lhe façam adormecer pruridos interiores.

O filósofo vive pelas ideias; destas, com estas, para estas, e por estas vive. O fobósfos não quer vê-las, nem pintadas...

CHORAR

É INATO, no homem, o choro. As lágrimas são dor que se liquefaz. Choramos, como respiramos ou amamos. A política das lágrimas — processo de levar água ao moínho pessoal — é fenómeno tardio na evolução humana. E, nessa política, são, as mulheres, mestras consumadas... Só elas sabem chorar, para além das lágrimas sinceras, as lágrimas por conta, peso e medida.

PACIÊNCIA

VALÉRIO Máximo refere este episódio ocorrido com Sertório. Um dia, mandou este trazer, para a frente do seu exército, dois cavalos, por meio dos quais pretendia dar lição de proveito e exemplo. Uma das alimárias tinha cauda formosa, a outra possuía apenas um precário pincel com duas ou três dúzias de cabelos.

E vai daí, ordena a um soldado valente que arrancasse a cauda do cavalo lazareto. Puxa que puxa — nada! E a um soldado valetudinário ordena que arranque a cauda do outro cavalo, do que bem se desobrigou, arracando cabelo por cabelo.

E, então, aproveitando a clareza daqueles factos, o general, que fazendo era, assim falou aos seus soldados em formatura:

— Querer conseguir tudo de um só golpe é temeridade, tempo perdido, derrota certa. Importa dividir as grandes dificuldades em mínimos problemas de fácil solução. A paciência não vai depressa — mas vence. A precipitação vai depressa — mas, usar dela, é como queremos espetar um prego, martelando-o não pela cabeça mas pelo bico.

O ALGARVE VISTO POR UM MINHOTO

PARA o homem nascido e criado no Minho, é sempre difícil apreciar devidamente e imparcialmente qualquer outra provincia de Portugal, pois é sempre trabalho delicado ver a terra dos vizinhos, mais ou menos próximos, com olhos que se não deixem impressionar por uma auto-sugestão, que naturalmente faz apreciar acima de tudo o que é nosso e, portanto, nos faz correr o risco de uma indesejável parcialidade.

Não é o meu caso. Embora minhoto de alma e coração, o amor à minha provincia não me cega o entendimento e o espirito analítico, ao ponto de não me deixar ver o que de bom — ou de mau — possa existir em qualquer outro ponto do território do meu País.

A primeira vez que desci, do extremo Norte, até ao extremo Sul de Portugal, ao entrar no Algarve, o meu espirito, influenciado pelos meus olhos ávidos de novidade e de beleza, a despeito de habituado à claridade luminosa da atmosfera minhota, apesar de não poder esquecer o espectáculo incomparável da paisagem colorida dos campos e das montanhas do meu Minho natal, sentiu-se deslumbrado pela luminosidade radiante da atmosfera algarvia e pelas tonalidades, cheias de imprevistos contrastes, dos mais insignificantes pormenores da paisagem.

Depois de ter percorrido as planícies intermináveis e grandiosas do Alentejo, em que nos sentimos esmagados pela imensidade dos panoramas, pela majestade dos sempre longínquos horizontes, pela aridez das terras e da vegetação, o Algarve, com os seus campos em flor, com a variada multiplicidade do seu rico colorido, causa-nos uma sensação de repouso e de calma, que nos faz esquecer dos coloridos campos da nossa longínqua provincia.

Dir-se-ia que, ao ser criado Por-



Paisagem algarvia — Óleo do pintor Lyster Franco

tugal, o Criador colocou propositadamente, nos seus extremos, duas provincias igualmente belas, igualmente risonhas, igualmente animadas do mesmo optimismo e da mesma alegria de viver.

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

FESTA DA Mocidade Portuguesa Feminina

Para comemoração do Ano Marial, a secção local da Mocidade Portuguesa Feminina promove, no próximo domingo, 16, na sala do Lusitano Futebol Clube, pelas 15 horas, uma sessão pública, da qual constarão três conferências, cujo tema versará a vida de Nossa Senhora.

A seguir, representa-se um drama, igualmente baseado na vida da SS. Virgem Maria.

Dr. Lyster Franco

A Câmara Municipal de Faro, em sua sessão de 24 do mês passado, deliberou convidar para o desempenho das funções de Conservador dos Museus Municipais daquela cidade o sr. Dr. Mário Lyster Franco, ilustre Director do nosso prezado colega «Correio do Sul», que já exercia as funções de Director do Museu Antonino e as de adjunto do antigo conservador, Dr. Justino Bivar Weinholtz, recentemente falecido.

Algarvio distintissimo e jornalista brilhante, que aos problemas culturais da nossa provincia tem dedicado uma notável actividade, os seus méritos pessoais justificam largamente o convite que lhe foi dirigido pelo município farense.

Apresentamos, ao sr. Dr. Lyster Franco, as nossas felicitações.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. Emílio Garcia Ramirez, conceituado industrial nesta vila.

Esteve alguns dias em Olhão, de visita a sua família, acompanhado de sua esposa e filhos, o nosso prezado assinante, sr. Fernando R. Ramos.

Retirou desta vila, acompanhado de sua esposa, filho e neta, o nosso prezado assinante, em Matosinhos, sr. Amaro Samúdio.

Em gozo de licença, encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, o sr. José António da Cruz Palermo, 1.º cabo mecânico de aviação, da Base Aérea de Ota.

Com curta demora, tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado assinante, sr. Sebastião Vasques Rodrigues, residente em Olhão.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Alvaro Duarte Gomes.

Regressou de Tavira, onde foi submetida a uma operação cirúrgica, a menina Maria Antónia dos Santos, filha do nosso prezado assinante, sr. José Pedro dos Santos.

A fim de representar a Ala 6.ª da Mocidade Portuguesa, foram a Fátima os filiados, Francisco Salas, António Ximenes e António Gaudêncio dos Santos.

De visita a sua família, esteve nesta vila o nosso prezado assinante, sr. Diamantino Cardoso, com sua esposa e filhos.

Foi a Lisboa, despedir-se de seu irmão, sr. Marciano da Palma Guerreiro, que retirou para o Brasil, o nosso prezado assinante, sr. Emídio da Palma Guerreiro.

Casamento

Realizou-se em Faro, no passado dia 25 de Abril, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria José Vieira Lourenço, assistente social em Portimão, filha da sr.ª D. Isabel da Conceição Vieira e do sr. José António Lourenço, com o sr. Engenheiro João Deodato Neto Caboz, nosso querido amigo e prezado assinante, que exerce as funções de adjunto do director dos Portos de Barlavento do Algarve, filho da sr.ª D. Maria da Glória Neto Caboz e do sr. professor João dos Santos Graça Caboz.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Judite Carvalho França Rodrigues Clarinha, e seu esposo, o sr. Dr. Manuel Pereira Rodrigues Clarinha, médico em Lagos, e por parte do noivo, sua prima, sr.ª D. Maria da Conceição Neto Henriques Ribeiro da Conceição, e seu cunhado, sr. João de Oliveira Baptista Correia, oficial da Armada.

Desejamos ao novo casal, que fixou residência em Portimão, as maiores felicidades.

Realizou-se nesta vila, no passado dia 26 de Abril, na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Fernanda Gomes Martins, filha da sr.ª D. Eulália Gomes e do sr. António Telesforo Martins, com o sr. Virgílio Antunes Lança, filho da sr.ª D. Maria S. Paulo Lança e do sr. Francisco da Costa Lança, já falecido.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Mariana da Conceição Sousa e o sr. António Xavier de Sousa, e por parte do noivo, a sr.ª D. Orlanda Almeida Veia Lança e o sr. Mário Antunes Lança.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche, em casa dos pais da noiva, tendo os noivos seguido em viagem de núpcias, donde já regressaram.

Falecimentos

Cesaltina Martins Cravinho

Faleceu nesta vila, no dia 3 do corrente, a sr.ª D. Cesaltina Martins Cravinho, de 72 anos de idade, natural de Silves.

A extinta era mãe do sr. Manuel M. Cravinho, funcionário da C. P. no Píonal Novo.

Maria Rosa

No mesmo dia, faleceu a sr.ª D. Maria Rosa, de 72 anos de idade, viúva, natural desta vila.

A's famílias enlutadas, apresenta o «Notícias do Algarve», sentidas condolências.

Ambos os funerais estiveram a cargo da Agência Patrocínio.

O ALGARVE VISTO POR UM MINHOTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

A paisagem algarvia, cheia de cor e de brilho, é quase irmã gémea da paisagem minhota. Numa, como noutra, os verdes, os amarelos, os azuis, todas as cores da paleta, fundem-se numa grandiosa sinfonia policroma, incomparável de graciosidade e de pitoresco.

Dai resulta, naturalmente, uma estranha afinidade de gostos e de sentimentos, que singularmente aproxima as duas províncias, geográficamente tão distantes. Um exemplo é-nos dado pela música, expressão viva da alma popular. No Algarve, como no Minho, a música é viva, alegre, saltitante, pujante de optimismo, bem distante da tristeza nostálgica da vizinha música alentejana, influenciada pelos largos horizontes, pelas condições ingratas da terra, que o habitante necessita de trabalhar quase dolorosamente, dela procurando arrancar o difícil pão de cada dia.

Oiça-se um «corridinho», e compare-se com qualquer das canções alegres e risonhas do Minho. Em ambas, as modalidades, embora expressas por formas diferentes, como que se adivinha a mesma alegria pujante, o explodir radioso dum sangue quente e rico, com o qual todos se encontram dispostos a caminhar na vida, sem desalentos, sem hesitações, em busca dum futuro sempre melhor e mais alto.

Suba-se ao alto do Promontório Sagrado, onde ainda paira o espírito do Infante, estenda-se a vista para o largo, para longe, sempre para mais longe, como por certo fez o criador da nossa incomparável ciência náutica. O Mar, destino e atracção de todos os Portugueses, como que nos chama para a sempre renovada missão de descobrir novas terras, novos horizontes, novos campos para o desenvolvimento da actividade de todos os que não perderam a ânsia de levar até longe o espírito aventureiro da Raça. E' esse mesmo espírito que informa a alma dos naturais do Minho, que em terras de além-mar procuram um derivativo para os excedentes de população, e que para lá se abalçam a partir, por vezes quase desajudados, à conquista duma situação mais fácil, que lhes permita serem úteis à sua terra e à sua família.

Depois, o Algarve conquista-nos e domina-nos, através de tudo quanto dele faz uma terra privilegiada, seja qual for o campo em que o situemos. Região excepcionalmente fadada para o turismo, quer os seus campos em flor, quer o pitoresco das chaminés e dos terraços duma alvura imaculada, quer as águas e rochas das suas praias, são outras tantas belezas a atrair a atenção e o interesse do turista, a quem não faltam motivos para dar por bem empregado o tempo que por lá se deixar ficar, na contemplação da natureza e no convívio com os seus naturais, ou ainda na busca, sempre frutuosa, de elementos de interesse histórico ou arquitectónico, quanta vez intimamente ligados à nossa história.

O inveterado minhoto, que eu sou, sente-se profundamente feliz em reconhecer as inúmeras afinidades que ligam a sua província ao meridional Algarve, pois vé neste uma das mais belas províncias de Portugal e uma das mais naturalmente fadadas para a extraordinária riqueza que hoje representa o turismo.

João Valério

AVISO

Cabeleireiro Etelberto

Participa a todas as suas Ex.ªs Clientes que o seu salão se encontra encerrado, de 11 a 15 do corrente, por se deslocar a Lisboa.

ÓPTICA

Antes de aviar a vossa receita, deveis consultar a: Agência Comercial e Marítima do Sul Avenida da República, 65-66 Vila Real de Santo António Onde encontrareis valioso sortido, a preços muito convidativos.

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Romagem ao Cemitério

A Corporação dos Bombeiros Voluntários, como em todos os anos, foi no passado dia 29 de Abril em romagem ao cemitério local, depor flores nas sepulturas dos voluntários falecidos e, entre eles, do voluntário Joaquim da Encarnação Rosa, vítima num desastre ocorrido há anos, à entrada da ponte, quando se dirigia para um incêndio.

Homenagem de tocante simplicidade mas de grande valor humano, faz-nos lembrar o lema dos Bombeiros Voluntários «Vida por Vida» — nobre exemplo de solidariedade humana.

Teatro Desmontável

A Companhia Rafael de Oliveira deslocou-se, nos dias 26 e 27 de Abril, a Tavira e Faro, onde deram espectáculos com a peça «Israel», bastante apreciada, tendo regressado logo a esta cidade, onde se encontram desde há tempo a trabalhar.

Entre as peças ultimamente apresentadas resalta a «Raça», «D. Inês de Castro», «Israel» e «O Grande Industrial», de Jorge Ohnet. Para breve, estão anunciadas as peças «O Grande Amor», de Dário Nicodemi, e «O Sapo e a Döninha», do Dr. Ramada Curto. — E.

Almoço de Confraternização dos Gráficos Vilarealenses

Aproveitando o feriado anual das Indústrias Gráficas, reuniram-se, no Hotel Guadiana, os empregados das quatro casas existentes nesta vila, num almoço de confraternização.

O tipógrafo, sr. Guilherme Padesca e o litógrafo, sr. Fernando Rodrigues Ramos, aproveitaram o ensejo para fazer algumas considerações sobre o historial das artes gráficas nesta vila, brindando, no fim, em homenagem aos seus introdutores, srs. Joaquim António Socorro e João Ribeiro Barbosa, e desejando, ao mesmo tempo, um estreitamento dos laços amistosos entre os profissionais deste ramo.

Depois do almoço, os seus participantes ofereceram, como recordação, ao sr. João R. Barbosa, decano dos gráficos vilarealenses, uma fotografia autografada por todos.

Estiveram presentes ao almoço os seguintes gráficos, srs.: Fortunato José Godinho, Guilherme do Carmo Padesca, Manuel Baptista, Norberto Tenório, José Burgo Martins, Avelino Fernandes, João Pedro Neto, José Luís Gomes, Manuel de Assunção Rodrigues Martins, Joaquim d'Almeida Mortágua, Jorge Alberto Farinha, José Dias Pereira, Emídio Padesca, Filipe Belião, José do Brito Luís, Sérgio Filipe Belião, Fernando R. Ramos, Leonildo António Peres Nunes, Luís do Brito Neves, António Bandeira Carmo, Nemésio da Paz Carmo Maia, Isidoro da Palma, Joaquim Ribeiro e Rafael Estêvão Guerra.

MELHORAMENTO

DAS Lãs NACIONAIS

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários vem exercendo, há anos, uma eficaz acção no melhoramento das lãs finas nacionais, preconizando novos métodos de tosquia, de enrolamento dos velos e do armazenamento das lãs.

No aspecto da comercialização, a acção exercida pela realização dos leilões tem sido também muito vantajosa para a Lavoura, que pode assim vender as suas lãs nas melhores condições.

No que respeita às lãs churras, está também a Junta a exercer na nossa Província a mesma acção de assistência técnica às tosquiadas, sendo de desejar que os Grémios da Lavoura promovam a concentração de lãs churras, de maneira a poderem ser vendidas em leilão.

Segundo nos consta, a assistência técnica que a referida Junta possa prestar é gratuita, devendo ser pedido a Delegação daquele Organismo, quer directamente, quer por intermédio dos Grémios da Lavoura.

OLHÃO

Santa Casa da Misericórdia

Na sala das sessões da Câmara Municipal, realizou-se, no passado dia 28 de Abril, uma reunião para eleição da Mesa da Santa Casa da Misericórdia desta Vila para o triénio de 1954-1956.

Presidiu o Provedor, sr. Roque Luís Ponce, ladeado pelos srs. Drs. Reis Morgado e José de Brito Barbosa, tendo sido tratados, antes da ordem da noite, diversos assuntos de interesse para a Misericórdia. Seguidamente, procedendo-se à eleição, por escrutínio secreto, ficou a nova Mesa assim constituída:

Provedor, Manuel Sebastião; secretário, José António Carlos Afonso; tesoureiro, António Baptista da Cruz; vogais efectivos, José Reis Honrado e José Luís da Silva; vogais substitutos, Ventura Manita da Cruz e Ernesto Soares dos Santos.

Assembleia geral: presidente, Dr. Brito Barbosa; 1.º vogal, João Trigueiros; 2.º vogal, Dr. João Morgado Reis. — E.

SILVES

Casamento

No passado dia 2 do corrente, realizou-se, nesta cidade, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria da Luz da Conceição Santos, com o nosso prezado assinante sr. Diamantino Pereira dos Santos, guarda da Polícia de Segurança Pública.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Correia e o sr. Francisco Manuel Rodrigues, e por parte do noivo, o sr. António da Encarnação Viegas.

Após a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche, na casa dos pais da noiva. — E.

ALCOUTIM

Casamento

No passado dia 28 de Abril findo, realizou-se, na Igreja Matriz, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Clara Simão, preadada filha do sr. Manuel António Simão, já falecido, e da sr.ª D. Ana Maria Joaquina Simão, irmã do sr. Rui Firmo Simão, funcionário público em Olhão, com o sr. Augusto Rodrigues Amaro, agente fiscal no Aeroporto de Santa Maria (Açores), filho do sr. Manuel Varandas Amaro, proprietário, e da sr.ª D. Maria Ferreira Lajas, residentes no Brasil.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seu primo, sr. Rogério Lopes da Trindade e Lima, Engenheiro Civil, residente em Lisboa, e a sr.ª D. Maria Inácia, proprietária e residente em Barcelos, e por parte do noivo, o sr. Marcelino Inácio Teixeira, comerciante, e sua esposa, sr.ª D. Eulália Cabrita Ambrósio Teixeira, residentes em Olhão.

Aos noivos, desejamos-lhes muitas felicidades. — E.

ALGÔS

Maria Francisca N. Cabrita Gomes

A continuar os seus estudos, regressou já a Lisboa esta aplicada aluna da Faculdade de Letras, filha do nosso querido amigo, Alvaro Duarte Gomes, viajante comercial.

Visitas

Deslocaram-se a Lisboa, a ultimar assuntos comerciais, os nossos prezados amigos, srs. Diogo Marreiros Neto e João Leite, conceituados comerciantes e industriais.

A Faro, deslocou-se o sr. José Carlos Costa, nosso particular amigo, conceituado e prestigioso comerciante desta praça.

Também cumprimentámos nesta o sr. David Justino de Sousa, nosso amigo, activo comerciante, na praça de Albufeira. — E.

TRANSPORTE DE VEÍCULOS

PARA AIAMONTE

Já de há muito se fazia sentir a necessidade dum embarcação capaz de transportar veículos pesados, nesta fronteira, com destino a Espanha.

A Empresa de Transportes do Rio Guadiana acaba de adquirir um barco para este efeito, com 21 metros de comprimento e 8 de largura, o qual dispõe dum motor de 90 HP. de potência, podendo assim comportar veículos com o peso de 100 toneladas.

Esta nova unidade entrará, muito brevemente, em serviço público, após as formalidades de vistoria.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA

de Vila Real de Santo António

De 30 de Abril a 6 de Maio de 1954

TRAINEIRAS

Sam Domingos	97.490\$00
Deolinda Rita	93.900\$00
Brisa	83.160\$00
Liberta	78.490\$00
Maria Rosa	78.255\$00
Flor do Sul	65.930\$00
Carmela	65.705\$00
Raulito	64.690\$00
Pérola do Guadiana	64.100\$00
Infante	62.515\$00
Tufão	61.510\$00
Levante	59.420\$00
Leste	55.110\$00
Norte	33.450\$00
Agadão	30.410\$00
Janita	28.420\$00
Briosa	22.160\$00
Batinha	19.070\$00
Noroeste	16.750\$00
Farihão	13.540\$00
Lá Rose	9.660\$00
Mirita	9.010\$00
Persistente	5.410\$00
Oeste	3.460\$00
Rosamar	3.230\$00
Mexilhão	3.195\$00
Rosa do Sul	2.020\$00
Jomanel	1.710\$00
Restauração	1.230\$00
Trio	1.180\$00
Senhora da Piedade	1.180\$00
Alvarito	780\$00
Tenacidade	550\$00
Total	1.136.690\$00

CERCOS

Amazona	57.605\$00
Novo Machado	23.200\$00
Portugal I	12.010\$00
Portugal V	960\$00
Futuro de Olhão	910\$00
Total	94.685\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 1 a 7 de Maio:

Entradas:

MANELICA, Português, 86 ton., de Viana do Castelo, com madeira.
ASTRA, Panamiano, de 1299 ton., de Setúbal, vazio.
ALESSANDRO TOMEI, Italiano, de 456 ton., de Leixões, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

TERCEIRENSE, Português, de 1295 toneladas, com sal, para Ponta Delgada.
COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.
ZÉ MANEL, Português, com minério e enxofre, para Lisboa.
MANELICA, Português, vazio, para Olhão.
ASTRA, Panamiano, com minério, para Dublin.
ALESSANDRO TOMEI, Italiano, com conservas, para Marselha e Génova.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 8 a 14 de Maio, a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda - Telefone 64.

VENDE-SE

Uma CASA, com todas as comodidades, na Praça Luís de Camões, em Monte Gordo. Tratar no Café Portugal — Vila Real de Santo António.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República - Telefone 12

FUTEBOL

Taça «Dr. José de Sousa Cachopa Júnior»

LUSITANO, 1 — OLHANENSE, 0 1.º Tempo 0-0

Campo «Francisco Gomes Socorro». Árbitro — Joaquim da Rosa. Lusitano — Rodrigues; Rui e Reina; Rodolfo, Jorge e Lopes; Almeida, Paedesa, Antunes, Parra e Mateus. Olhanense — Cravo; Graça e J. Manuel; Toupeiro, Tavares e J. Fernandes; Arménio, Simões, Martins, Rafael e Viegas.

Marcador — Parra. Não podendo atribuir a derrota às duas equipas, temos que aceitar como certo o resultado.

Destá vez não apareceu o tradicional incentivo que caracteriza quase todas as partidas entre os dois rivais algarvios e dá um sabor especial a estes embates, mesmo quando não está em causa a conquista dos pontos.

Vários factores contribuíram para o fraco nível da partida, desde a falta de interesse revelada pelos visitantes, que se apresentaram com uma equipa desfalcada, à forte ventania que soprava e beneficiou, durante quase todo o tempo, a equipa olhanense, pois mudou de direcção no segundo tempo.

Mesmo assim, era lícito aguardar um pouco mais de entusiasmo, considerando que o público tem direito ao respeito que lhe confere o bilhete de entrada.

Foram noventa minutos de ténues tentativas individuais, prejudicadas, ainda, pela falta de inspiração dos contendores e, assim, não estranharíamos se o marcador tomasse outra feição favorável aos visitantes, conforme os golpes fortuitos criados pela improvisação dos lances.

O golo que ditou o resultado, e fez esquecer aos mais afeiçoados adeptos locais os possíveis ressentimentos contra a sua equipa, foi sequência de uma iniciativa de Almeida, que conseguiu rematar de ângulo difícil, escapando a bola das mãos do guarda-contrário, para Parra poder confirmá-lo com um toque para a baliza deserta.

A arbitragem não teve qualquer influência no resultado. J. C.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Sporting Farense	6	4	—	2	15	9
Portimonense	6	3	1	2	11	7
Olhanense	6	2	1	3	6	9
LUSITANO	6	2	—	4	7	14

FARENSE, 3 — PORTIMONENSE, 2 Partida bem disputada e resultado certo

Com os encontros Lusitano-Olhanense e Farense-Portimonense, terminou o Torneio para disputa da Taça «Dr. Cachopa Júnior», patrocinado pelos dirigentes da Associação de Futebol de Faro.

O jogo que despertava maior entusiasmo era, sem dúvida, o de Faro, entre os actuais campeões do Algarve e o Sporting Clube Farense, cujo resultado foi de 3-2 a favor dos locais.

Arbitrou o encontro o sr. José Nunes, auxiliado por Diamantino Florêncio e Paula de Carvalho, da Comissão Distrital dos Árbitros.

O resultado fez-se no primeiro tempo. Balela, Celestino e José Maria marcaram pelo Farense, e Bezerra e Moniz, pelos visitantes.

O árbitro, sr. José Nunes, foi a figura n.º 1 do encontro, revelando autoridade e forte personalidade durante todo o jogo. Brindou-nos com uma arbitragem excelente, embora mesmo assim não tivesse sido aplaudida pelos locais. É certo ter posto de parte a lei da vantagem, mas a isso foi obrigado, a fim de sanar alguns incidentes que se esboçavam.

O resultado de 3-2 ajusta-se ao jogo desenvolvido. Os visitantes venceram com merecimento, pois criaram maior número de ocasiões de golo. No entanto, o Portimonense poderia ter ido mais longe, se Camarinha tivesse transformado a grande penalidade que teve no 1.º tempo.

O jogo valeu pelo entusiasmo de ambas as equipas, embora o Farense, com o público a apoiá-lo, fizesse sempre com mais rapidez as jogadas, já que o futebol praticado não atingiu craveira de merecimento.

Os médios do Farense, J. Joaquim e Celestino, realizaram grande exibição. A formação atacante teve bons e maus momentos, melhorando sempre que Vinuesa recuava para orientar o ataque.

Dos visitados, devemos dizer que nos surpreendeu a pouca «genica» posta na luta, parecendo-nos que a equipa acusou a responsabilidade do jogo.

O guarda-redes portou-se bem e nos atacantes, Camarinha e Bezerra, especialmente o primeiro, foram os melhores.

Herculano Valente

Torneio Popular de Futebol

INTER-SÓCIOS

HORTALENSE, 2 — BEIRA-MAR, 1 1.º Tempo 2-0

Árbitro — Sr. André Roque. Hortalense — Ribeiro; Pedro e Manolo; Bota, Sérgio e Mário; José Gomes, Brito, Rui, Álvaro e Emídio.

Beira-Mar — Trindade; Celso e Calvino; Rosa, Carmo e Pires; Cândido, Botequilha, J. António, Zeca e Brito.

Marcadores: Brito, e Celso nas próprias redes, pelo Hortalense; Nobre, pelo Beira-Mar.

Neste jogo, apenas merece citação especial, a correcção das duas equipas.

Quanto ao aspecto técnico, a sua classificação é péssima. Nem em conjunto, nem individualmente, encontramos motivos para elogios.

Os grupos devem ter sentido imenso a influência do vento que se fez sentir em todo o dia.

A arbitragem agradeu. J. C.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
Porto	8	2	1	—	5	4
Náutico	2	2	—	—	6	1
Celeiro	3	1	2	—	6	4
Flor de Lis	8	1	1	1	3	6
Lazareto	3	1	—	2	5	6
Atlético	3	1	—	2	2	3
Hortalense	2	1	—	1	3	4
Beira-Mar	3	—	—	3	1	4

HOJE: às 10,30 horas — Atlético-Flor de Lis, árbitro sr. Balbino Madeira.

às 15,30 horas — Porto-Beira-Mar, árbitro sr. João Vasques.

às 17,30 horas — Celeiro-Náutico, árbitro sr. Norberto Cavem.

GRANDE EXCURSÃO A LISBOA

Em Dezembro de 1954, para assistir à inauguração do Estádio do S. L. e Benfica. Presta esclarecimentos, no Café-Restaurante «JANELAS VERDES», o organizador, Luís Félix da Silva.

VENDA de Propriedades Rústicas

Aceitam-se, até 31 de Maio, propostas em carta fechada, para a venda, em conjunto ou separadamente, das seguintes propriedades, todas situadas na freguesia do Azinhal, concelho de Castro Marim: «Lagoa do Ruivo», «Várzeas do Moínho» e 3 courelas em Almada de Ouro.

Reserva-se o direito de não aceitar, no todo ou em parte, as propostas apresentadas, quando o preço não convier. Dirigir-se a Capitão Santos — Tavira.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

PAPEL VEGETAL

De 1.ª qualidade, vende-se qualquer quantidade de resmas, ao preço de Esc. 110\$00, com 3% a 30 dias. Escrever a: Armandino Simão — Portimão.

DE TAVIRA TEATRO DE AMADORES

do Clube Recreativo Tavirense

«VEJA SE GOSTA»

APRESENTAÇÃO do Grupo de Amadores do Clube Recreativo Tavirense, no Teatro. António Pinheiro, foi um êxito. Êxito, tanto no aspecto artístico, como no de bilheteira. Prova-o não somente os quentes aplausos do público como o facto de se ter esgotado a lotação do referido Teatro.

A orquestra «Euterpe» abriu o espectáculo, com um agradável número.

Desfilaram, um a um, os amadores que daí a momentos iriam mostrar à assistência a sua arte. José Francisco, em «Serenata a Lisboa»; Vitalina das Dores, em «Uma aventura mais»; Custódio Feliciano, em «Tavira», um belo número do compositor algarvio José Fortunato; Edite Pereira, na brasileira canção do «Sacarrolhas»; Augusto Chanoca, numa bela canção com letra de Adriano Baptista, poeta olhanense, e José Fortunato; Teodósia Moraes, em «Será por ti», do referido compositor algarvio; Eduardo de Oliveira declamou, com o seu habitual entusiasmo, «O Meu Algarve», do que foi o grande poeta olhanense, João Lúcio; «Cabeça Inchada» teve a interpretação dos «Quatro Vocalistas Tropicais»; Abílio Rodrigues cantou «Aquele Ingrata»; um par de «montanheiros» numa belíssima canção de sabor regional; a pequenina Maria Manuela, em «Como é bom amar», houve-se tão bem e demonstrou tanta graça e sentimento, que foi obrigada a bisar esse número, pela força dos aplausos recebidos; e Jorge Fuzeta cantou e bisou «Vozes do Mar».

Toda a apresentação dos artistas amadores, bem como a indicação dos números a interpretar, esteve a cargo dos irmãos Lúcia e João Maria Horta. Para nós, uma das maiores revelações da noite foi a desta rapariga espirituosa e simpática, que parece ter sido fadada para maiores cometimentos artísticos. Simplesmente esplêndida, a forma como ela soube desempenhar-se do seu papel. Bela voz, uma dicção agradável e sabendo falar. Está de parabéns, bem como o seu companheiro-irmão.

A segunda parte do programa foi preenchida com a farsa «Tio Zé Maria», com Vitorino Cardoso, Maria Arlete, Vivaldo Beldade, Georgélia Rodrigues, Abílio Rodrigues e Edite Pereira. Tanto a história como o desempenho tiveram o condão de agradar à assistência. Boa apresentação e desempenho.

A última parte começou com uma interpretação da já referida Orquestra. Seguiram-se: Vitalina das Dores, em «Santo António», que foi um mimo de graça, sendo obrigada a bisar; Custódio Feliciano, em «Pacto Afectivo», «slow» de Adriano Baptista e José Fortunato; os dois dos «sorvetes» e dos «pinhões», com um «policia» a ensarihar a coisa — engraçadíssima «charge» local que provocou largo riso nos assistentes; Edite Pereira, em «Salomé», marchinha brasileira de muito agrado; «Tu e só tu», «slow» cantado por José

Sérgio

Mocidade Portuguesa

Salão de Estética

O Salão de Estética da Divisão do Algarve realiza-se este ano em Loulé, onde abrirá a 28 do corrente.

Trabalha-se activamente nos vários Centros para condigna representação.

Concurso Nacional de Trabalho

Está a seguir o seu curso os trabalhos desta realização, à qual decerto a nossa terra não deixará de concorrer e onde, nos anos anteriores, tem conseguido, apesar de não termos Escola Técnica Profissional, boas classificações, inclusive concorrendo à fase internacional.

Encerramento das actividades

Está a ser elaborado o programa de onde constarão, entre várias actividades inclusive a tomada simbólica do castelo de Castro Marim, na noite de 29 do corrente.

Peregrinação a Fátima

Realizando-se, nos dias 8 e 9, a peregrinação Marial da M. P., seguiram na passada sexta-feira os filiados da Ala 6.ª desta vila, srs. C. C. Francisco Salvador Salas, do Centro Escolar 1, C. Q. António Solá Ximenes e António Gaudêncio dos Santos Rodrigues, do Centro Extra Escolar 1, que foram portadores de ramos de flores, atadas com fitas das cores da nossa vila e da Ala, com expressão dedicatória.

Visado pela Comissão de Censura

Francisco, largamente aplaudido; «Mané Besta», na macia voz da pequenina Maria Manuela, com promessas de futura artista, bisado e muito aplaudido; «Os quatro vocalistas», em «Mulher Leiteira», canção brasileira de agrado certo; Eduardo de Oliveira, muito apreciado declamador, que a assistência tornou a receber com fartos aplausos, disse «Manhã de Paz», de A. Vicente Campinas, e «Patrão Joaquim Lopes», sendo, no final, entusiasticamente aplaudido; Teodósia Moraes, em «Nem eu», com a colaboração dos «Quatro Vocalistas»; «Ai, Maria, Ai, Joaquim», por Abílio e Josélia Rodrigues, dois irmãos num número popular; Augusto Chanoca cantou «Coração Ingrato», com um bellissimo acompanhamento ao piano, de Sebastião Leiria, e fez realçar e confirmar, a bellissima voz de tenor que possui, sendo entusiástico, o aplauso da assistência, que o forçou a bisar tal número; Maria Caetana, interessante figurinha de mulher, cantou «Quando a tristeza invade a alma»; e Jorge Fuzeta, que depois de cantar «Essa Janela», muito aplaudido, terminou o espectáculo cantando «Um sorriso de mulher», acompanhado, em coro, por todos os elementos que entraram nessa festa de arte e juventude.

Está de parabéns a direcção do Clube Recreativo Tavirense pela sua bela iniciativa e pelo bellissimo espectáculo que proporcionou aos seus conterrâneos. Fazemos votos para que «Veja se Gosta», venha a esta vila.

Sérgio

Casino de Monte Gordo

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António aceita propostas para exploração da sala de Bailes, Restaurante e Bar, durante a época balnear deste ano, até às 17 horas do dia 31 de Maio corrente.

As condições encontram-se patentes na Secretaria.

A Fábrica Condestável

(S. JOÃO DA MADEIRA)

presta homenagem aos clubes desportivos do Algarve pondo à disposição do público chapéus com os nomes e emblemas destas prestigiosas colectividades



Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21799

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«ALMDYK»

carrega em LISBOA em 19 de MAIO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«LOCH RYAN» — 10 de Maio

«DUIVENDYK» — 18 de Maio

INTERESSES DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

corticeiros silvenses seguiu as pisadas da primeira. Alhos Vedros, Caramujo e Barreiro atraíram essa gente da indústria da cortiça, em que patrões e operários, vítimas da mesma obsessão da vida de Lisboa, para ali corriam como abelhas espavoridas à cata do mel e do fel das cidades tentadoras...

As terras algarvias e os seus portos de embarque sofreram com estas mudanças, estiolaram-se e caíram em uma situação quase miserável.

Em Loulé e Tavira, duas terras da nossa província com uma classe numerosa de fabricantes de calçado, deixaram que os operários do Norte lhes tomassem a dianteira.

As sapatarias de luxo apareceram e a gente rica e pobre, com sacrifícios inauditos, passou toda a andar bem calçada. As mulheres, sobretudo, com a tortura da moda, só compram os últimos modelos.

A vaidade, a incompreensão e o desgoverno assediaram os lares indigentes, com uma fúria verdadeiramente animal.

Um pai de família, que tem a desgraça de possuir quatro ou cinco filhas, tem de se revestir duma coragem sobre-humana para poder comprar sapatos modernos para todas...

Outras indústrias do Algarve, como a olaria, definharam-se, morreram.

A pesca e as conservas, na sua correlação íntima, é que teimam em equilibrar a vida insolvente de certas populações densas, oprimidas pela carestia de tudo.

Quantos sofrimentos e agônias não perpassam pela alma de muitas pessoas honestas, que querem honrar os seus compromissos?!

* * *

O turismo algarvio atravessa igualmente uma fase atribulada.

Fui eu o primeiro jornalista desta província a falar no Triângulo Turístico: Praia da Rocha—Caldas de Monchique—Sagres.

Devem ter passado uns trinta anos.

Um redactor do «Diário de Notícias», esse venerando e amplo jornal que o espírito sereno de Eduardo Coelho concebeu, veio ao Algarve e organizou um número especial sobre Portimão e a Praia da Rocha.

Solicitou a minha colaboração, e eu prontifiquei-me a desnudar as suas belezas e sortilégios. E o Triângulo Turístico apareceu, iluminou o meu pensamento e espalhou-se pelos jornais e visitantes. O Triângulo tem, pois, a idade normal dum rapaz válido, mas a sua indumentária é dum velho mendigo. As suas vestes interiores e exteriores, vejo-as reduzidas a montões de escombros, a planos de urbanização inconcebíveis, a projectos sem finalidade... Meu saudoso e dinâmico Duarte Pacheco, que falta está fazendo ao nosso Algarve e a todo o Portugal...

A Praia da Rocha estacionou, há anos. Está inércia prolongada não terá fim?

Dois bons hotéis e três sofríveis pensões são pouco para as pessoas habituadas a frequentá-la.

O casino ficou por acabar; a avenida para o Vau teve igual sorte; as construções mergulharam num sono hipnótico.

Que mais há a dizer?
Apenas dois versos do poeta Augusto Gil:

*Se aquilo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz...*

As Caldas de Monchique permanecem em ruínas. Um tufão infernal varreu o estabelecimento de banhos, pulverizando casas e banhistas. Só a capela se ergueu, na sua pureza rústica, servindo para casar noivas tímidas que ali vão pedir a Deus a paz e a felicidade dos futuros filhos...

Sagres! Visão eterna de navegadores, poetas e pombas bravas!

Ali germinou o sonho grandioso do Infante, desse monge de cara dura e de cérebro rutilante...

Os turistas, no Verão, ali correm aos cardumes, deslumbrados pela paisagem terrestre e marítima.

O ambiente é dramático, colérico e majestoso.

O Oceano lambe os rochedos e o farol, na sua fúria de leão monstruoso e indomável...

Os visitantes, vencidos pela marcha, querem comer. Falta-lhes a pousada, o hotel ou a pensão.

Tudo primitivo: as casas, as comidas e a água. E tanta água e tanto peixe a nadar, a poucos passos!

No tempo do Infante, era pior. Todos sabem. Mas também todos sabemos que o progresso não é uma palavra vã...

O turista — nacional ou estrangeiro — fica cativo daquele cenário incomparável, eloquente e maravilhoso. O que é necessário é acudir-lhe com algum conforto, amenizar a solidão e sorrir para o Céu...

Tratei do parlamento do Algarve e penso também no sotavento.

Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, são terras dignas de serem visitadas, mas igualmente dignas de serem retocadas nas suas ruas velhas, casas inestéticas e jardins de flores moribundas...

O Palácio de Estoi lança uma nota de arte, na aldeia adormecida no silêncio perfumado da seu parque...

Meu pobre Augusto Gil, que por estas terras de sonho e de lenda andastes a jardinar, dá-me o teu braço e a tua fala:

*Se aquilo que a gente sente
Cá dentro, tivesse voz...
Muita gente, toda a gente
Teria pena de nós.*

Marcos Algarve

EMPREGADO - Precisa-se

Estabelecimento de mercearias deseja empregado com apresentação, conhecedor de todos os artigos de mercearias finas, e com prática de balcão.

Responder, enviando referências e indicando as casas onde prestou serviços.

Guarda-se sigillo, se estiver empregado.

Respostas a SANCHES & C.ª, Lda. — Portimão.

VENDE - SE

Prédio, situado na Rua S. João de Brito, 19, composto de 7 divisões, quintal e sobrado.

Tratar com Amália Azevedo, Vila Real de Santo António.

Uma CARTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Silves e outra em Lagos, e um liceu em Portimão.

Porém, na realidade, o liceu de Portimão é apenas um liceu municipal, sustentado com muito sacrifício pela Câmara, e que, como todos os liceus municipais, tem somente o 2.º ano, pelo que tal estabelecimento não oferece qualquer interesse prático à população da cidade e do Barlavento da Província.

Só o 5.º ano do liceu dá, como todos sabem, as habilitações mínimas necessárias na luta pela vida, aos jovens que não possuem um curso técnico, mesmo elementar, e que têm condições para ser na vida mais alguma coisa do que trabalhadores manuais.

Por consequência, o liceu de Portimão não resolve de maneira alguma, porque não tem 5.º ano, pelo menos, o problema do ensino liceal no Barlavento do Algarve.

A Câmara vem sustentando esse estabelecimento, com grande sacrifício, há perto de 20 anos, na esperança de que o Governo da Nação reconheça a justiça que assiste a esta cidade e à rica e populosa zona do Barlavento do Algarve, de que é o centro geográfico, e mande elevar o liceu municipal a Liceu Nacional.

A justiça desse objectivo é tanto mais evidente, quanto é certo que o liceu de Portimão tem tido, apenas com um ciclo, mais frequências do que muitos liceus Nacionais do País, com dois ciclos. Essa justiça é certamente reconhecida pelo Governo da Nação, pois o senhor ministro da Educação Nacional já deixou antever, num dos seus últimos discursos, a possibilidade da criação dum Liceu Nacional em Portimão.

Acontece ainda que o liceu de Faro está superlotado, apesar de ser um dos maiores liceus do País.

E, de facto, manifestamente insuficiente a existência de um único Liceu Nacional numa província com a densidade demográfica do Algarve.

A cidade de Portimão está a mais de 60 quilómetros de Faro, e sabe-se que no Norte são frequentes as localidades — muitas delas com menor importância do que Portimão — distantes entre si de 30 quilómetros, em média, dispondo, cada uma, de um Liceu Nacional e de uma Escola Técnica.

Por consequência, só quando o liceu municipal de Portimão for elevado a Nacional — e é de esperar que o Governo possa atender em breve à justiça dessa pretensão — se poderá dizer que o problema do Barlavento do Algarve está resolvido, no que respeita ao ensino liceal.

Contudo, não deixa de ser chocante constatar que sendo Portimão, de longe, o maior centro populacional e industrial do Barlavento do Algarve, seja a única cidade dessa zona que não tem uma escola industrial.

Deve-se ainda frisar, a este respeito, que Portimão é não só a cidade mais industrial do Barlavento, como de toda a Província e, no País, dos centros que mais contribuem para os cofres do Estado.

Trata-se, pois, de uma situação que não se poderá, de maneira alguma, manter, pois a injustiça seria clamorosa e não está de acordo com a política das realidades levada a cabo pelo Governo, a não ser que o liceu municipal seja elevado a Nacional, pois esta solução já atenuaria a gravidade da situação do ensino daquela cidade, dando, ao mesmo tempo, satisfação às necessidades da vasta zona do Barlavento da Província.

E' evidente que todas estas considerações não contradizem, de modo algum, a necessidade de uma Escola Técnica em Vila Real de Santo António, o que é da maior justiça, tendo apenas o objectivo de constituir um esclarecimento, para o que solicito o benevolente acolhimento de V.

Peço-lhe que aceite, sr. Director, os protestos da minha mais elevada consideração.

Portimão, 5 de Maio de 1954.

Alberto Pimentel



Confecções Viresa, L. da

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A ELECTRO FABRIL

S. A. R. L.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RELATÓRIO e CONTAS, em 31 de Dezembro de 1953

Ex.ªs Senhores Accionistas

No cumprimento do que se encontra estabelecido, vimos apresentar a V. Ex.ª para ser submetido à Vossa esclarecida apreciação, o relatório e contas referentes ao exercício de 1953.

Terminadas as operações da central eléctrica e eliminadas na contabilidade todas as contas que se relacionavam com a sua existência, verificamos o saldo positivo de Esc. 149.918\$13, que transferimos para a conta Ganhos e Perdas.

Temos verificado que a moagem (a principal indústria hoje), que dá à Empresa toda a sua vitalidade, suporta o ajustamento financeiro da mesma e, apesar de todas as economias com que se procura aliviar os encargos da exploração, chegamos ao fim com fracos resultados que não se ajustam ao movimento do negócio. São factores principais a deficiência do trabalho, máquinas que necessitam duma indispensável actualização, procurando assim que as distribuições de trigo tenham uma mais elevada produção para aumentar quanto possível a taxa lucro por cada quilo de trigo laborado. Impõe-se a substituição de algumas máquinas e estuda-se a forma de conseguir que essa modificação onere o menos possível os interesses da Empresa, deixando uma parcela, ainda que reduzida, para retribuição ao capital. A existência de trigo em armazém é também factor de importância na deficiente laboração que se regista, facto que provém do aumento das colheitas nestes últimos anos, forçando-nos a um elevado armazenamento de trigo em c/ corrente, com prejuizo do próprio cereal.

As indústrias de gelo e padaria, que completam a vida industrial da Empresa devido à sua limitada aplicação, pouco movimento financeiro originam, esperando-se no entanto que oportunamente possam cooperar nos resultados positivos que todos tanto desejamos.

Expostos os factos e usando-se prudentemente a melhor orientação nos ajustamentos dos saldos, encontramos, na conta de ganhos e perdas, o saldo positivo de Esc. 84.151\$48, para o qual propomos a seguinte aplicação:

Para dividendo (cativo de impostos)	Esc. 50.000\$00
Para aplicação do Art.º 13 dos Estatutos e Fundo Regularização de Dividendos	Esc. 4.151\$48
Para amortização de Maquinismos	Esc. 5.000\$00
Para Fundo Reposição de Maquinismos	Esc. 25.000\$00
Total	Esc. 84.151\$48

Se o que fica proposto merecer a Vossa aprovação, reduz-se o valor dos maquinismos, e com o Fundo Reposição dos mesmos, procederemos à substituição das máquinas cujo trabalho deficiente entrava o rendimento compensador da indústria explorada.

Terminando, queremos mais uma vez manifestar a nossa gratidão ao muito digno Conselho Fiscal pela sua cooperação e exprimir o nosso reconhecimento a todos os nossos colaboradores no desempenho dos seus cargos.

Vila Real de Santo António, 31 de Janeiro de 1954.

A DIRECÇÃO

Balanco em 31 de Dezembro de 1953

ACTIVO	
Edifícios	Esc. 270.000\$00
Maquinismos	455.316\$00
Móveis e Utensílios	100\$00
Dinheiro:	
Em cofre	Esc. 13.329\$03
Depositado nos Bancos	463.860\$39
Acções Propriedade da Empresa	4.750\$00
Acções Depositadas	218.730\$00
Acções em Caução	46.000\$00
Devedores e Credores	612.788\$81
Total Esc.	2.084.874\$23

PASSIVO	
Capital	Esc. 1.000.000\$00
Fundo de Reserva	200.000\$00
Dividendos a Pagar	6.024\$60
Fundo Regularização de Dividendos	32.347\$11
Depositantes de Acções	218.730\$00
Caução Corpos Gerentes	46.000\$00
Fundo Reposição de Maquinismos	497.621\$04
Ganhos e Perdas	84.151\$48
Total Esc.	2.084.874\$23

Conta de Ganhos e Perdas

CRÉDITO		DÉBITO	
Fábrica de Moagem Esc. 272.726\$05		Prejuizo do exercício de 1952	Esc. 115.949\$69
Central Eléctrica 149.918\$13		Contribuições	57.602\$40
		Despesas Gerais	164.940\$61
		Lucros deste ano	84.151\$48
Esc. 422.644\$18		Esc. 422.644\$18	

A DIRECÇÃO

O Chefe de Secção

José Luís Camarada Pereira

Júlio Mendes
João Gomes Sanches
António Virgílio Horta Correia
José Diogo
João Manuel Gomes Barroso

Parecer do Conselho Fiscal

Ex.ªs Srs. Accionistas:

O vosso Conselho Fiscal, nem sempre, como seria para desejar, pôde exercer com regularidade a sua missão, visto só em meados de Novembro de 1953 se apresentar a escrita relativa a este ano, devidamente em ordem, para poder ser examinada. Nos meses seguintes, foram elas examinadas, encontrando tudo em ordem.

Encontrando-se a nossa Sociedade reduzida hoje apenas à exploração da moagem e a bem pouco mais, torna-se necessário comprimir as suas despesas ao máximo, a fim de que alguma coisa ainda reste para distribuir pelos seus accionistas, doutrina esta que é necessário ter sempre bem presente e não esquecer. Das contas que se apresentam, a Assembleia Geral, em última instância, as aprovará, ou modificará, segundo o seu justo e ponderado critério.

Ao digno Conselho de Administração, os nossos agradecimentos pelas atenções recebidas.

Vila Real de Santo António, 31 de Dezembro de 1953.

Alonso Vasques
Emílio Diogo Costa
Fabrício Pessanha Barbosa

São avisados os Ex.ªs Srs. Accionistas desta Empresa que, a partir de 1 de Junho próximo, das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis, se encontra a pagamento o dividendo de Esc. \$50 — cativos de impostos — por cada acção, conforme foi votado na Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 29 de Março do corrente ano.

Os encargos legais a deduzir são de Esc. \$13,2 por acção. Depois de 30 de Junho do corrente ano, somente se fará o pagamento às terças-feiras, às horas indicadas.

Vila Real de Santo António, Abril de 1954.

A DIRECÇÃO